

Uma análise semiótica dos bairros Flexal 1 e 2 em Cariacica-ES e seus moradores frente à comunicação de massa¹

Mirian Ribeiro Graça²

Janaína Sarah Pedrotti³

Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)

Resumo

O artigo busca trazer uma análise sobre o impacto do jornalismo na cobertura de pautas envolvendo bairros periféricos, tendo como objeto de estudo o bairro Flexal [1 e 2], localizado no município de Cariacica-ES. A pesquisa apresenta um recorte histórico da comunidade, da formação até os dias atuais, com base nos jornais impressos *A Gazeta* e *A Tribuna*, disponíveis no acervo do Instituto Jones dos Santos Neves (IJSN). Também é feita uma análise netnográfica de memes compartilhados no Facebook e uma análise semiótica em dois portais de notícias da região. Segundo Lotman (1996), a cultura é um sistema de signos e textos que organiza a experiência coletiva. O bairro Flexal⁴, nesse sentido, torna-se um texto cultural que é traduzido, transformado e reconfigurado pelos meios de comunicação.

Palavras-chave: comunicação; estereótipos; marginalização; desenvolvimento comunitário;

Introdução

Os bairros Flexal 1 e 2 estão localizados no município de Cariacica, no estado do Espírito Santo, região sudeste do Brasil. Comunidade com área de aproximadamente 1.404.255 m² e população total de 6.820. A população com idade de 15 a 24 anos representava, aproximadamente, 30,25 % da população total do bairro (IBGE 2010). Nessa região, o clima tropical é predominante. A região de Flexal começou a ser ocupada em 1978 por pessoas vindas de Minas Gerais, Rio de Janeiro, Bahia e Pernambuco. Foram para essa região buscando melhor qualidade de vida, visando trabalhar na Companhia Siderúrgica de Tubarão (CST) e na Companhia Vale do Rio Doce (CVRD), segundo o jornal *A Tribuna*, de 17 de dezembro de 1999.

Também existe a possibilidade de terem vindo pessoas do interior do estado do Espírito Santo, devido a enchente que aconteceu um ano depois em que Flexal estava sendo

¹ Trabalho apresentado no IJ07 - Comunicação e Cidadania, da Intercom Júnior - 21ª Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação do 8º semestre de Jornalismo da Faculdade de Comunicação e Artes (FCA), da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), e-mail: mirian.graca@sou.ufmt.br

³ Orientadora do trabalho. Doutora em Comunicação e Semiótica, Professora do Dep. de Comunicação da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), e-mail: janaina.pedrotti@ufmt.br

⁴ O bairro Flexal foi escolhido como objeto de estudo devido à vivência direta da autora, que cresceu na região. Essa experiência pessoal proporciona uma perspectiva mais sensível e aprofundada sobre as dinâmicas sociais, os estigmas e as representações construídas em torno do território.

ocupada. A enchente de 1979 atingiu as cidades de Aimorés (MG), Colatina (ES) e Linhares (ES), por isso, há possibilidade deles terem ido morar no bairro durante sua formação e também famílias da Grande Vitória querendo sair do aluguel e baixa renda do bairro Rio Marinho, através do Programa de Moradia para População de Baixa Renda (Promorar). As primeiras áreas a serem ocupadas foram a beira do mangue [rio Bubu].

No início da ocupação, as casas eram barracos de lona, mas a partir do loteamento as mesmas começaram a ser construídas de madeira. Não havia infraestrutura, os moradores utilizavam a água que pegavam dos poços e como não havia energia, utilizavam vela e lampião. A renda média familiar era Cr \$2.000,00 a Cr \$2.700,00 que sustentava em média cinco pessoas do grupo familiar, segundo estudos destacados no Jornal *A Tribuna* de 08 de março de 1980.

O nome do bairro deriva da plantação de bambu que havia na localidade vizinha [Flexal I], no início. Os moradores utilizavam esses bambus para fazer arco e flechas, por isso, o nome “Flexal”. Atualmente, as comunidades de Flexal 1 e 2 são consideradas um dos bairros mais violentos e carentes da região metropolitana de Vitória.

Metodologia

A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa com base na análise semiótica e netnográfica de materiais midiáticos diversos, a fim de compreender como o bairro Flexal é representado e se apresenta frente à comunicação de massa. Sendo a netnografia um método de pesquisa derivado da técnica etnográfica desenvolvida no campo da antropologia (Kozinets, 2002), em crescimento também devido à complexidade das experiências da sociedade digital. Simone Pereira de Sá (2001), aponta para a netnografia como uma metodologia assumidamente focal, experimental, detalhista e interpretativa, que se reconhece como fruto de uma “negociação construtiva”, a pesquisadora realiza monitoramento de sites relacionados à comunidade carnavalesca que é seu objeto de pesquisa, seu local de observação.

Para a construção do corpus, foram selecionados jornais impressos de circulação local, com o intuito de investigar a história e a memória do bairro. Também foram analisados memes publicados no Facebook pela página Capixaba Massa, relacionados à periferia. Para

acompanhamento em relação às notícias veiculadas sobre o bairro, foram analisados dois sites de notícias, *A Gazeta* e *Folha Vitória*, de janeiro de 2024 a maio de 2025.

A análise buscou identificar os signos, símbolos e narrativas presentes nesses materiais, observando como se constroem os sentidos sobre a periferia, tanto por meio dos meios de comunicação de massa quanto pela produção cultural popular (como os memes). A leitura semiótica foi fundamentada na teoria de pseudo ambiente citada por Walter Lippmann no livro *Opinião Pública* (1922) que permite interpretar os elementos visuais, textuais e discursivos que atravessam as representações e se consolidam no imaginário da opinião pública. De forma complementar, adota-se a noção de semiosfera, desenvolvida por Iúri Lotman (1996), que compreende a cultura como um espaço simbólico onde diferentes linguagens e signos interagem.

Diagnóstico comunitário

Atualmente, a maioria das casas são feitas de lajota/tijolo e as que não são rebocadas estão localizadas nos dois morros do bairro [o morro da escola Martim Lutero e o morro que dá acesso à BR 101]. Algumas residências não têm caixa de esgoto, por isso, todo o esgoto vai para a rua. Nessa comunidade, a rua Nossa Senhora da Penha é a principal via, e é a única asfaltada em todo o bairro.

As pessoas que moram no morro, são contempladas com a vista para a montanha Moxuara⁵. Na comunidade, existem variedades de árvores frutíferas, sendo as mais conhecidas: mangueiras, jaqueiras e goiabeiras e por toda a região é possível ver que Flexal é um lugar verde. Os animais mais comuns presentes no cotidiano do local são: galinha, cachorro, gato, vaca e cavalo. Existe uma parte do bairro que é região de mangue e diversas famílias usufruem da pesca de peixe, sururu, camarão e caranguejo que é muito comum. Apesar do costume de pescar, eles não dependem dessa atividade para sobreviver.

Há alguns anos atrás, a entrada que dá acesso ao bairro pela BR-101 era motivo de vergonha para os moradores, pois as empresas jogavam bastante lixo na entrada do bairro e devido a sujeira, muitos urubus ficavam voando em cima do lixo. A população que precisava pegar o ônibus 540, no terminal de Campo Grande, se sentia envergonhada quando precisava dar sinal para descer.

Na comunidade [Flexal 2] há três escolas, sendo que as unidades Rosalina Marques de Souza e Maria Rachel do Nascimento são educação primária e a escola Martim Lutero vai até o 9º ano do ensino fundamental. Já o ensino médio é oferecido apenas no bairro vizinho [Flexal 1], na escola Ana Lopes Balestrero.

Para terem acesso a medicamentos e consultas médicas, os moradores precisavam ir à Unidade Básica de Saúde (UBS) nos bairros próximos, Nova Canaã ou na UBS de Santa Luzia, porque não tinha unidade de saúde na comunidade. No bairro foi construída uma Unidade de Pronto Atendimento (UPA) e a entrega da obra estava prevista para 2016, mas acabou sendo entregue em 2018 e continuou fechada, pois não tinha médicos para fazer os atendimentos. A UPA Abelar Corrêa começou a atender a população de Flexal e região, no ano de 2020 e além dela, foi inaugurado uma UBS no mesmo espaço.

Existem quatro opções de linhas de ônibus para a localidade, são elas: 704 - T. Itacibá (Cariacica), 587 - T. Carapina (Serra), 759 - Hospital S. Lucas (Vitória) e 743 - T. São Torquato (Vila Velha), facilitando a mobilidade dos moradores e população local pela região metropolitana de Vitória.

Nas mídias sociais e no jornalismo digital

Nas mídias sociais e nos noticiários televisivos, o bairro Flexal costuma ser retratado de maneira estigmatizada, sendo associado quase exclusivamente à violência, ao tráfico de drogas e à pobreza. Essa abordagem parcial contribui para a construção de uma imagem negativa e unilateral do território, ignorando sua complexidade social e cultural. Como destaca Sodré (2006, p. 94), “a mídia tende a consolidar desigualdades simbólicas, transformando o diferente em exótico ou marginal”, o que evidencia o papel central dos meios de comunicação na reprodução de estigmas e na manutenção de hierarquias sociais.

Ao realizar uma pesquisa no Google ou no YouTube sobre a comunidade, os primeiros resultados que surgem geralmente estão relacionados à violência, como pode ser observado na Imagem 1. Esse padrão de resultados evidencia a construção de uma representação parcial e negativa do território. Nesse contexto, é pertinente abordar o conceito de Pseudo Ambiente, desenvolvido por Lippmann. Segundo o autor, o Pseudo Ambiente corresponde ao conjunto de percepções e informações que confirmam as crenças pré-existentes de um indivíduo sobre determinado assunto. Aplicando essa ideia ao caso dos

bairros Flexal I e II, áreas periféricas frequentemente associadas a situações de vulnerabilidade social, observa-se que a mídia tende a reforçar a imagem estigmatizada desses locais, alimentando uma visão distorcida que circula e se consolida socialmente.

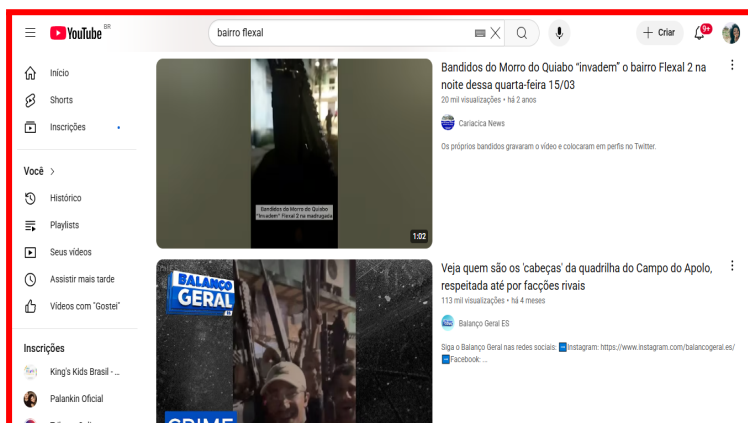


Imagem 1 - (junho de 2025)

Na região metropolitana de Vitória, é comum que parte da população conheça o bairro Flexal apenas por meio de relatos indiretos ou estereótipos difundidos socialmente, formando assim uma imagem preconcebida sobre a região e seus moradores. O problema é que essas pré-noções reforçam processos de estigmatização, contribuindo para a marginalização da comunidade e a invisibilização de suas potencialidades.

As mais sutis e difundidas de todas as influências são aquelas que criam e mantêm o repertório de estereótipos. Conta-nos sobre o mundo antes de nós o vemos. Imaginamos a maior parte das coisas antes de as experimentarmos. E essas concepções, a menos que a educação tenha nos tornado mais agudamente conscientes, governam profundamente todo o processo de percepção. (LIPPMANN, 2008, p. 91)

De acordo com Lippmann, os indivíduos não percebem o mundo diretamente, mas por meio de “imagens mentais” construídas socialmente, conhecidos como estereótipos. Esses estereótipos funcionam como atalhos cognitivos que simplificam a realidade, mas também a distorcem, sobretudo quando reforçados pela comunicação de massa. A mídia tradicional, ao selecionar o que é ou não notícia, contribui para a criação de signos associados a determinados espaços. No caso das comunidades Flexal 1 e 2, é possível observar uma representação midiática predominantemente negativa, marcada por discursos que associam o território à violência e ao crime.

Esse padrão de visibilidade seletiva transforma o local em um signo semiótico de perigo, reforçando o imaginário social excludente sobre as periferias. Como aponta Stuart

Hall, a mídia não apenas reflete, mas constrói significados, desempenhando um papel ativo na produção de identidades e na marginalização simbólica de certos grupos. Assim, o estigma que recai sobre Flexal 1 e 2 não nasce de experiências diretas da maioria da população, mas de uma mediação comunicacional que reforça uma leitura única e simplificada do território periférico.

Foram analisados dois portais de notícias da região, *Folha Vitória* e *A Gazeta*, de janeiro de 2024 a maio de 2025. O portal *Folha Vitória* publicou seis matérias sobre o bairro. Entre os temas, destacam-se: um protesto devido a falta de energia elétrica (março de 2024), assassinatos a tiros (julho de 2024 e fevereiro de 2025) e a morte de um suposto chefe do tráfico, durante trocas de tiros com a polícia (janeiro de 2025). Esses temas constroem um campo semântico dominado por signos de violência e conflito social.

No entanto, a inclusão da pauta sobre protesto rompe parcialmente esse padrão, inserindo o morador como sujeito político. O signo do “protesto popular” destaca, ainda que brevemente, o significado dominante da passividade ou criminalidade frequentemente atribuída aos moradores da periferia.

Em contraste, o portal *A Gazeta* publicou apenas uma matéria, com o título: “Jovem é assassinado a tiros em Flexal 2” (fevereiro de 2025). A ausência de outras pautas sinaliza um apagamento simbólico do território. O único signo apresentado — o assassinato — reforça o estigma, pois sem outras narrativas possíveis, a identidade do bairro se torna monossêmica: lugar de morte e violência.

A ausência também comunica. O silêncio da mídia sobre eventos, ações culturais e políticas públicas no bairro contribui para a construção de um não-lugar, reforçando uma visão estereotipada de violência. Na semiótica de Peirce, o signo é triádico e pode representar ideias, sensações ou sentimentos, em um processo contínuo de significação.

Um signo, ou representação, é aquilo que, sob certo aspecto ou modo, representa algo para alguém. Dirige-se para alguém, isto é, cria, na mente dessa pessoa, um signo equivalente, ou talvez um signo mais desenvolvido. Ao signo assim criado, denomino interpretante do primeiro signo. O signo representa alguma coisa, seu objeto” (PEIRCE, 2003, p.46).

O bairro Flexal surge na mente interpretadora como um signo aos leitores, constitui-se em um significado a partir da forma como ele é apresentado na notícia, relacionado, desumanizado, levando à uma ideia, um novo signo. O leitor, mesmo que nunca tenha estado

no local, passa a ter uma imagem, percepção do bairro, a partir deste movimento de significação.

Memes compartilhados pela página Capixaba Massa e a opinião pública

Foram analisados dois memes compartilhados na página Capixaba Massa em anos distintos. A Imagem 2, de dezembro de 2016, usa o humor para reforçar estigmas sociais. Nela, estudantes da E.E.E.F.M. Ana Lopes Balestrero aparecem segurando armas em vez de livros, associando a juventude periférica à criminalidade e contribuindo para a marginalização simbólica dos moradores do bairro.



Imagem 2 (dezembro de 2016)

A netnografia permite compreender os significados construídos coletivamente em ambientes digitais, como as redes sociais, onde conteúdos como memes não apenas reproduzem o humor, mas também reforçam estereótipos e narrativas sobre grupos sociais específicos — no caso, comunidades periféricas." (KOZINETTS, 2014)

A recepção do conteúdo nos comentários revela diferentes posicionamentos. Alguns internautas, possivelmente de fora da comunidade, encaram o meme como uma simples brincadeira. Em contraste, moradores demonstram incômodo e criticam a reprodução do preconceito, como evidenciam comentários como: “Vocês e essa disseminação de preconceito” e “O pior é saber que os próprios alunos riem dessa chacota”. Esses relatos apontam para uma internalização do estigma, mas também para a resistência e a denúncia por parte de quem vive no território.

Segundo Hall (1997, p. 258), “o estereótipo reduz, fixa e naturaliza a diferença”. Trata-se de uma forma de representação que simplifica identidades, reduzindo indivíduos e grupos a um conjunto limitado de características repetitivas e facilmente reconhecíveis. Esse processo é particularmente evidente nas construções simbólicas feitas sobre territórios periféricos.

A Imagem 3, publicada em junho de 2021, expõe o desprezo de alguns moradores ou ex-moradores em relação ao bairro. A frase “Eu ando de cara fechada mesmo, afinal ninguém é feliz morando em Flexal” reflete uma visão negativa do local. Em contraste, os comentários revelam orgulho e afeto pela comunidade, com declarações como “Sou muito feliz morando aqui” e “Flexal é um lugar abençoado”, indicando um forte sentimento de pertencimento e resistência à estigmatização.

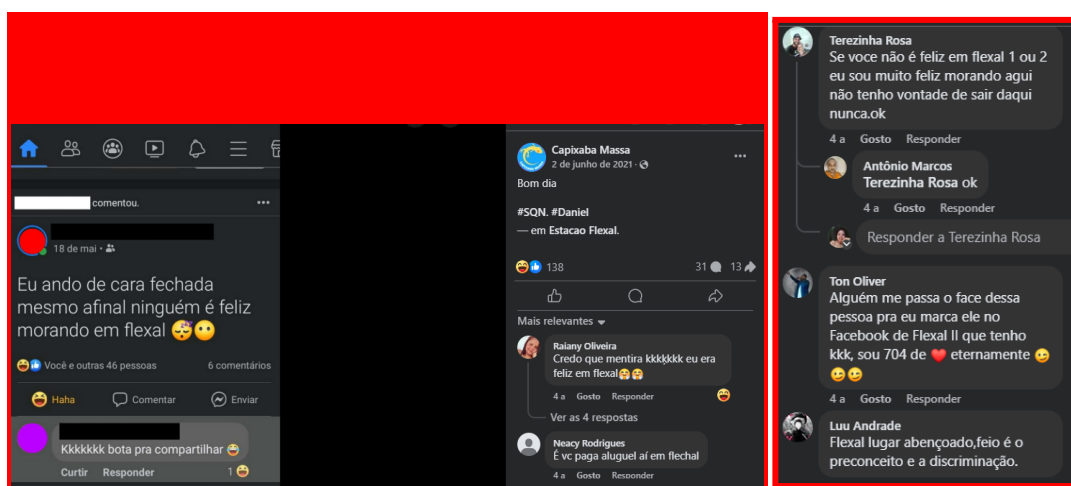


Imagem 3 (Junho de 2021)

Os estereótipos de criminalidade e abandono, muitas vezes reforçados por memes e conteúdos humorísticos, contribuem para a vulnerabilidade social do bairro. Além disso, eles alimentam um sentimento de não pertencimento entre alguns moradores, que acabam internalizando visões negativas compartilhadas externamente. Por outro lado, as manifestações contrárias nos comentários revelam que, mesmo diante da discriminação, há quem valorize o território e conteste essas narrativas excludentes.

Considerações finais

Este trabalho teve como objetivo entender como a periferia é representada pelos meios de comunicação. A partir da análise de jornais impressos buscando a historicidade formativa do bairro, memes no Facebook, reportagens televisivas e notícias veiculadas no

jornalismo digital sobre o bairro, foi possível perceber que há diferentes formas de contar e mostrar a realidade das periferias.

Os jornais televisivos, portais de notícias e os memes, de forma geral, ainda reforçam imagens negativas, associando esses territórios à violência e à criminalidade. Já os jornais impressos ajudaram a recuperar parte da história do bairro, mostrando que a comunicação também pode ser usada para valorizar memórias e identidades locais.

A análise semiótica foi importante para identificar os significados por trás das imagens, palavras e símbolos usados nesses materiais. Por meio dela, foi possível refletir sobre os sentidos construídos a respeito da periferia e como essas significações podem ser reforçadas ou transformadas.

Referências

A GAZETA. **Jovem é assassinado a tiros em Flexal II, Cariacica.** A Gazeta, 25 fev. 2024. Disponível em: https://www.agazeta.com.br/agora/jovem-e-assassinado-a-tiros-em-flexal-ii-cariacica-0225?project_teli=g4. Acesso em: jun. 2025.

BARTHES, Roland. **Mitologias.** São Paulo: Difel, 2000.

FOLHA VITÓRIA. **Balanço Geral ES.** Folha Vitória, [s.d.]. Disponível em: <https://www.folhavitória.com.br/tv-vitoria/balanco-geral-es/1dfbu6buagk/>. Acesso em: jun. 2025.

FOLHA VITÓRIA. **Chefe do tráfico de drogas em Flexal II morre durante ação policial.** Folha Vitória, 22 maio 2024. Disponível em: <https://www.folhavitória.com.br/policia/chefe-do-trafico-de-drogas-em-flexal-ii-morre-durante-acao-policial/>. Acesso em: jun. 2025.

FOLHA VITÓRIA. **Fashion Week Flexal: cultura e identidade em Cariacica.** Folha Vitória, 21 nov. 2023. Disponível em: <https://www.folhavitória.com.br/cultura/arte/fashion-week-flexal-cultura-e-identidade-em-cariacica/>. Acesso em: jun. 2025.

FOLHA VITÓRIA. **Fashion Week Flexal transforma avenida em passarela em Cariacica.** Folha Vitória, 20 nov. 2023. Disponível em: <https://www.folhavitória.com.br/cultura/fashion-week-flexal-transforma-avenida-em-passelela-em-cariacica/>. Acesso em: jun. 2025.

FOLHA VITÓRIA. **Homem é assassinado a tiros no bairro Flexal II, em Cariacica.** Folha Vitória, 9 abr. 2024. Disponível em: <https://www.folhavitória.com.br/policia/homem-e-assassinado-a-tiros-no-bairro-flexal-ii-em-cariacica/>. Acesso em: jun. 2025.

FOLHA VITÓRIA. **Moradores de Flexal I protestam após falta de energia em Cariacica.** Folha Vitória, 27 out. 2023. Disponível em:

<https://www.folhavoria.com.br/geral/moradores-de-flexal-i-protestam-apos-falta-de-energia-em-cariacica/>. Acesso em: jun. 2025.

GLOBO. ES1 - **Flexal II: bairro em Cariacica é considerado área de risco**. Globoplay, 19 jul. 2021. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/9824477/>. Acesso em: jun. 2025.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. **Representation: cultural representations and signifying practices**. London: Sage, 1997.

INSTITUTO JONES DOS SANTOS NEVES (IJSN). **Flexal I – Cariacica**. Vitória: IJSN, 2016. Disponível em: http://www.ijsn.es.gov.br/ConteudoDigital/20160608_aj00959_bairro_flexali_cariacica.pdf. Acesso em: jun. 2025.

INSTITUTO JONES DOS SANTOS NEVES (IJSN). **Flexal II – Cariacica**. Vitória: IJSN, 2016. Disponível em: http://www.ijsn.es.gov.br/ConteudoDigital/20160608_aj00972_bairro_flexal2_cariacica.pdf. Acesso em: jun. 2025.

INSTITUTO JONES DOS SANTOS NEVES (IJSN). **Habitação no Espírito Santo – 01**. Vitória: IJSN, 2016. Disponível em: http://www.ijsn.es.gov.br/ConteudoDigital/20160627_aj03242_habitacao_01.pdf. Acesso em: jun. 2025.

INSTITUTO JONES DOS SANTOS NEVES (IJSN). **Registro bibliográfico: Habitação – Espírito Santo**. Biblioteca online do IJSN. Disponível em: <http://www.ijsn.es.gov.br/bibliotecaonline/Record/323190>. Acesso em: jun. 2025.

INSTITUTO JONES DOS SANTOS NEVES (IJSN). **Bairro Flexal 2 – Cariacica**. [Vitória]: IJSN, 2016. Disponível em: http://biblioteca.ijsn.es.gov.br/ConteudoDigital/20160608_aj00972_bairro_flexal2_cariacica.pdf. Acesso em: 8 jul. 2025.

KOZINETS, Robert V. **Netnography: Redefined**. 2. ed. London: SAGE Publications, 2014.

LOTMAN, Yuri M. **La semiosfera I: semiótica de la cultura y del texto**. Madrid: Cátedra, 1996.

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica e filosofia do conhecimento**. Tradução de José Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva, 2003.

SÁ, Simone Pereira de. **Netnografias nas redes digitais**. Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Tecnologias Informacionais de Comunicação e Sociedade, X Compós, UnB, Brasília, 2001.

SODRÉ, Muniz. **A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento jornalístico**. Petrópolis: Vozes, 2009.

SODRÉ, Muniz. **Reinventando a cultura: a comunicação e seus produtos**. Petrópolis: Vozes, 2006.